

**Sob o signo da morte: poligamia e subalternidade feminina em *Niketche*,  
de Paulina Chiziane**

**Under the sign of death: polygamy and female submission in *Niketche*,  
by Paulina Chiziane**

SÉRGIO GUIMARÃES DE SOUSA<sup>1</sup>

**Resumo:** Em *Niketche*, Paulina Chiziane, num contexto sociocultural e ideológico em que a monogamia não se apresenta em termos de realidade inteiramente consensual (Moçambique), problematiza a condição feminina. Com inegável espírito emancipador, não só denuncia explicitamente o modo como o ancestral costume da poligamia subjuga a mulher, mas também sugere o seu fim. Como? Associando-o a toda uma semântica da morte.

**Palavras-chaves:** Tradição; poligamia; mulher; morte.

**Abstract:** In *Niketche*, Paulina Chiziane, in a sociocultural and ideological context in which monogamy does not present itself in terms of an entirely consensual reality (Mozambique), problematizes the feminine condition. With an undeniable emancipatory spirit, she not only explicitly denounces the way in which the ancestral custom of polygamy subjugates the woman, but she also suggests the end of polygamy. How? Associating it with a whole semantic of death.

**Keywords:** Tradition; polygamy; women; death.

==

<sup>1</sup> CEHUM, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho, 4710-057, Braga, Portugal.

Niketche. A dança do sol e da lua, dança do vento e da chuva, dança da criação. Uma dança que mexe, que aquece. Que imobiliza o corpo e faz a alma voar. As raparigas aparecem de tangas e missangas. Movem o corpo com arte saudando o despertar de todas as primaveras. Ao primeiro toque do tambor, cada um sorri, celebrando o mistério da vida ao sabor do niketche. Os velhos recordam o amor que passou, a paixão que se viveu e perdeu. As mulheres desamadas reencontram no espaço o príncipe encantado com quem cavalgam de mãos dadas no dorso da lua. Nos jovens desperta a urgência de amar, porque o niketche é sensualidade perfeita, rainha de toda a sensualidade. Quando a dança termina, podem ouvir-se entre os assistentes suspiros de quem desperta de um sonho bom. (Chiziane, 2008)

## 1.

Se, porventura, quiséssemos resumir em poucas palavras a temática de *Niketche*, de Paulina Chiziane, talvez fosse suficiente dizer que se trata, sob o pano de fundo da poligamia, de uma reflexão aprofundada, por vezes cómica, muitas vezes contundente, outras melancólica, sobre a condição feminina na sociedade moçambicana. Reflexão, convirá acrescentar, a não dispensar um questionamento da masculinidade e dos seus avatares.

Numa formulação complementar, diríamos, enfim, que *Niketche*, romance assaz demonstrativo de como a literatura africana já atingiu há muito a sua idade adulta, se revela decisivo para quem pretenda interrogar o que o matrimónio é ou poderia ser em Moçambique e, mais latamente, em muitas outras latitudes africanas. E isto porque se há realidade que fica clara na narrativa, essa realidade é justamente a dificuldade de as relações sentimentais se circunscreverem

à moldura matrimonial inscrita na tradição ocidental judaico-cristã do matrimónio.

Como é sabido, em *Niketche*, o regime matrimonial, fortemente regulado por uma poderosa e ancestral cultura de matriz patriarcal, apresenta usos e costumes, mitigados pela sabedoria de séculos, que não escapam, sobretudo se vistos a partir de um monóculo ocidental, ao estatuto «etnológico», sendo a poligamia um dos seus rostos mais reconhecíveis.<sup>2</sup>

De facto, a protagonista, Rami, esposa legítima de Tony, descobre não apenas a infidelidade do marido, mas também, e sobretudo, a extensão dessa infidelidade. Fazendo prova de abundante ímpeto sexual e sentimental, enaltecido por sua mãe, diga-se de passagem, Tony, muito alegre e clandestinamente, reparte-se por várias amantes.

A partir desta situação, a dar bem a medida da mulher enquanto puro objeto do gozo masculino, a dinâmica social do romance traduz-se

—

<sup>2</sup> Sem esquecer essa questão lateral que é, ao fim e ao resto, a da inexistência de uma relação biunívoca estabelecível entre o homem e a mulher, se tivermos presente a atração lésbica que Rami sente por algumas das amantes do marido. Eis um excerto, entre outros possíveis, a dar conta disso mesmo: «Sinto por ela [Eva] uma torrente de fraternidade, uma atração tão mágica como o amor à primeira vista.» (Chiziane, 2008: 213). Na página seguinte, surge outro trecho significativo: «Ela tenta secar o meu rio com as mãos nuas. Aquelas mãos correm suaves no meu rosto, como flocos de algodão. Aquelas mãos transmitem calor como asas de galinha cobrindo os pintos. Descarrega sobre mim um oceano de ternura. Coloca o seu braço delicado sobre o meu ombro. Abraça-me. Sinto o cheiro do perfume dela. O Tony tem razão de se perder de amores por ela, como ela é boa, meu Deus!» (214).

pelo confronto entre o poder patriarcal, corporificado por Tony, e por todos os que o defendem, e os desejos e propósitos de emancipação individual da autoridade masculina preconizados tanto pela esposa oficial como pelas concubinas do marido. Concubinas, entretanto, contaminadas pelo fervor emancipador da esposa legítima.

Assim, a narrativa, com muita capacidade e não menos ambição, postas ao serviço da descrição de um regime de sociabilidade (caracteres, cenas, costumes) pautado por um elevado grau de complacência em relação à realidade poligâmica, debruça-se sobre os dilemas vivenciados pela mulher moçambicana enquanto lugar de cruzamentos. Esta tanto se vê oprimida por valores patriarcais oriundos da educação e da cultura cristãs, trazidas pelo poder colonial, como pelos sentidos adstritos à não menos patriarcal mundividência africana, marcada por tradições tribais sexistas, segundo as quais: «Os homens foram feitos para controlar e as mulheres para trabalhar» (Chiziane, 2008: 120). Sendo, numa palavra, os maridos equiparáveis a carrascos (193). Até porque: «O desejo de um homem são desejos de Deus. Não se devem negar» (40). Cabendo, desta forma, às mulheres ser, e para voltar a citar Chiziane, «máquinas de obediência. Perfeitas. Completas» (156).

## 2.

Colocando-a sob ataque, um dos grandes méritos do romance não se restringe à questionação da poligamia nos termos em que hoje a podemos – nós, ocidentais – pensar. Ou seja, assinalando, sem complacências, a subalternidade em que vive a mulher africana à conta desta prática matrimonial e que é a de se ver impedida de responder pelo seu destino (Boutchich, 2016; Diogo, 2010).

Também radica no modo como nos dá a ver esse questionamento a partir da realidade africana, que não é propriamente, convenhamos, a do irrestrito triunfo feminino sobre o patriarcado. Se, para o mundo ocidental, a poligamia não pode deixar de significar uma prática arcaica e censurável, já numa ótica africana, acostumada a lidar com esse sistema enquanto legado de uma cultura ancestral, afigura-se bem mais difícil repudiá-la sem concessões (Casimiro, 1999, 2004; Ribeiro, 2007; Loforte, 2000).<sup>3</sup>

Basta ver aquele episódio em que Rami é presa por se ter envolvido, com não pouca ferocidade, em confronto físico com uma rival, provocando desacatos públicos. Ouve, em jeito de lição de moral, estas significativas palavras de um polícia: «Se o seu marido a deixa, a senhora deve ser azeda, fria. Homem é homem, tem todo o direito de procurar em qualquer

---

<sup>3</sup> Palavras de Luísa, uma das amantes de Tony, documentando a naturalidade da poligamia (aqui sob a forma de solidário

lugar o que em casa não há» (Chiziane, 2008: 54). Pouco depois, ostentando a superioridade de quem se acha em posição de poder resumir o entendimento social perante os outros, o agente ratifica a poligamia deste modo: «É uma vergonha, *duas esposas de uma pessoa* tão importante baixarem de nível até este ponto» (60; *italico nosso*). Como se vê, o horizonte cívico deste responsável pela ordem pública, em nome de uma conveniência social – neste caso, o destacado cargo de Tony –, presume sem problemas de maior como socialmente consentida a posse de duas mulheres por um homem. Ser polígamo não é, para dizê-lo de outro modo, uma categoria estranha à garantia social. Já o que ponha em causa a poligamia, gerando desordem, afeta, dir-se-ia, a concórdia social e, em consequência, suscita uma reação regulativa das autoridades.

Daqui se compreende os inevitáveis momentos de aparente capitulação de Rami, ou melhor, de tensão entre a fatalidade e o desejo emancipatório. Apesar de não serem suficientemente fundos para lhe tolherem a persistente ebulição feminista, o certo é que

---

empréstimo fortalecedor de laços de amizade ou como prova de boa cortesia) em certas regiões, ou não fosse este romance igualmente aproveitado como ocasião para debater as diferenças entre o norte e o sul do país (Chiziane, 2008: 41, 174, 240): «Venho de um lugar onde se empresta o marido à melhor amiga para fazer um filho, com a mesma facilidade com que se empresta uma colher de pau. Na minha comunidade o marido empresta uma esposa ao melhor amigo e ao ilustre visitante. Na minha aldeia, o amor é solenemente partilhado em comunhão como uma hóstia» (83-84).

esses momentos denotam a pregnância de um sistema sob a égide do qual tudo parece submeter-se ao crivo do homem. Assim, não surpreende que, ao entrar na casa de uma das rivais, a impressão ressentida pela protagonista seja esta: «É uma casa sem ordem. Casa de mulher. Falta um homem aqui dentro para impor respeito nesta casa» (78). Ou, então, que Rami, para quem o «Marido não é pão que se corta com faca de pão, uma fatia por cada mulher. Só corpo de Cristo é que se espreme em gotas do tamanho do mundo para saciar o universo de crentes na comunhão do sangue» (21), e que dirá convictamente: «Posso dar tudo, mas o meu homem não. Ele não é pão nem pastel» (41), mais tarde, defina a poligamia desta forma tão poética quanto condescendente, para não dizer resignada:

Poligamia é isto mesmo. Encher a alma com um grão de amor. Segurar o fogo que emerge do corpo inteiro com mãos de palha. Estender lábios à brisa que passa e colher beijos na poeira do vento. Esperar. Ouvir os suspiros do teu homem nos braços de outra mulher e esconder o ciúme. Sentir saudades e não sofrer. Sentir a dor e não chorar.<sup>4</sup> (128)

---

<sup>4</sup> Resignação recenseável, antes disso, nesta outra definição: «Poligamia é um uivo solitário à lua cheia. Viver a madrugada na ansiedade ou no esquecimento. Abrir o peito com as mãos, amputar o coração. Drená-lo até se tornar sólido e seco como uma pedra, para matar o amor e extirpar a dor quando o teu homem dorme com outra, mesmo ao lado» (93).

E noutra passagem ainda, e com indisfarçável júbilo, a narradora não se abstém de encarar como natural, senão mesmo como necessário, o consórcio engendrado pela poligamia, como se daí proviesse a solução para todos os problemas matrimoniais:

Que sistema agradável é a poligamia! Para o homem casar de novo, a esposa anterior tem que consentir, e ajudar a escolher. Que pena o Tony ter agido sozinho e informalmente, sem seguir as normas, senão eu teria só consentido em casamentos com mulheres mais feias e desastrosas do que eu. Poligamia não é substituir mulher nenhuma, é ter mais uma. Não é esperar que uma envelheça para trocá-la por outra. Não é esperar que uma produza riqueza para depois a passar para a outra. Poligamia não depende da riqueza ou da pobreza. É um sistema, um programa. É uma só família com várias mulheres e um homem, uma unidade, portanto. No caso de Tony são várias famílias dispersas num só homem. Não é poligamia coisa nenhuma, mas uma imitação grotesca de um sistema que mal domina. Poligamia é dar amor por igual, de uma igualdade matematicamente exata. (96)

Conviria, a este propósito, convocar para aqui Paulina Chiziane, naquele depoimento em que a escritora, correndo o risco de ferir sensibilidades, em especial as mais sensíveis à questão da igualdade de géneros, não deixa de preferir a poligamia, conquanto se enquadre num regime de perfeita transparência, ao adultério, espécie de poligamia oculta:

O problema da poligamia escondida, para mim, é também um grande problema. Eu prefiro aquele indivíduo que me mostra a sua verdadeira face do que aquele que me esconde. Porque hoje, de facto, é o que se diz: «A poligamia mudou de vestido.» Porque esses homens têm quatro, cinco, dez mulheres em qualquer canto por aí. Têm filhos com duas, três, quatro mulheres todas juntas. São filhos que, porque crescem numa sociedade de monogamia, não se podem reconhecer. São crianças fruto de uma situação como a que vivemos hoje [realidade supostamente pós-poligâmica], uma situação de adultério. Mas numa sociedade de poligamia já não acontece isso, as coisas são mais abertas. A situação de adultério que vivemos hoje é muito pior que a poligamia. (299)

Neste sentido, não há como negá-lo, o romance parece ser também uma resposta a esse malefício maior da poligamia clandestina – ou, se se preferir, adultério: o problema da proliferação de crianças por perfilhar e, por esse motivo, carentes de estatuto social. Isto é, diminuídas ou coartadas nas suas possibilidades de afirmação social em regime de relações monogâmicas. Na sua forma transparente e oficial, a poligamia, seguindo a lógica de Chiziane, compensaria o adultério. Como se vê, aquilo que a uma sensibilidade ocidental possa parecer absoluta subjugação da mulher e, logo, à margem de qualquer decoro social (a poligamia), é, todavia, como explica a autora, a possibilidade de uma regulação social daquilo que as nossas sociedades modernas admitem como matéria da esfera privada (o adultério).

Como quer que seja, o romance é ainda, para não dizer essencialmente, repita-se, um manifesto contra todas as representações conscientes e inconscientes destinadas a subalternizar a mulher. Subalternização cujo início coincide, veja-se, com a vinda ao mundo de uma criança, celebrada diferentemente em função do sexo: «O nascimento da menina é celebrado com uma galinha, o do rapaz celebra-se com uma vaca ou uma cabra» (161). Mais: «A cerimónia de nascimento do rapaz é feita dentro de casa ou debaixo da árvore dos antepassados, a da menina é feita ao relento» (161).<sup>5</sup> E este é o ponto de partida de uma ampla menorização da mulher contra a qual este romance se insurge, reivindicando a sua libertação de hierarquias masculinas de posse e da sua moral idealizada (ou seja: do seu moralismo). De outro modo: a possibilidade de esta se afirmar como causa eficiente do seu próprio destino, constituindo-se em plena autonomia. Sendo, como não é difícil compreender, a condição dessa possibilidade a impossibilidade mesmo da poligamia.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Ou, se se preferir: «A presença de um homem muda o curso de todas as coisas. O nascimento de um homem vale mais que o nascimento de uma mulher» (234).

<sup>6</sup> Seja-nos concedido um breve parêntesis para fazermos notar que o subtítulo do romance (*Uma história de poligamia*) tanto pode (e deve), por isso, ser lido como referente à história da protagonista Rami, como, na verdade, se trata de um subtítulo extensível a todas as Ramis da terra africana ou, pelo menos, moçambicana, tantas são as passagens, de nítido recorte etnológico através da aguda notação de costumes, que remetem o leitor para a tradição africana da poligamia e para algumas das suas arqueologias.

Reforçada pela sua superior realização estética, a narrativa constitui, deste modo, um momento maior da literatura africana de militância feminina. Para citarmos de novo a autora, trata-se de um livro

que fala da condição feminina e de África em geral. Tenho um mundo de informações sobre África, sei muito bem o que é... os nossos problemas, o amor, o adultério, a poligamia. E eu sinto que a visão do mundo existente hoje, pelo menos em termos de escrita, é o ponto de vista masculino. Comecei a senti-lo a partir do momento em que me casei, comecei a viver a condição de mulher, com filhos, com casa. A experiência não foi boa, o casamento não durou, mas isso criou-me a vontade de querer observar o mundo: «o que acontece com as outras mulheres, o que é que pensam, que é que sentem?»

Falei com mulheres, mas também conheço histórias já seculares. Esse problema da mulher já se arrasta há muito tempo. As próprias mulheres, quando escrevem, muitas poucas vezes se debruçam sobre os seus problemas como mulheres. Em Moçambique, como em qualquer parte de África, a condição da mulher, a sua situação, o tipo de oportunidades que tem na sociedade, é algo que de facto merece ser visto. Porque as leis da tradição são muito pesadas para uma mulher (Chiziane em Chabal, 1994: 298).

### 3.

Ao questionar o fenómeno da poligamia, Chiziane não se limita a colocar sob suspeita essa moldura matrimonial, pondo em causa os seus fundamentos com argumentos a não

carecerem de ênfase. Para Chiziane, a estratégia decisiva, sem minimizar a capacidade explicativa da narrativa, reside menos na possibilidade de formular argumentos a desfavor da poligamia, nomeadamente aquela que não surge assumida socialmente, do que na necessidade de a colocar em xeque através de situações marcantes, porque suscetíveis de problematizarem o quadro poligâmico. Uma dessas situações é aquela em que Lu, a bem da felicidade da amiga, se dispõe, com a maior das naturalidades, a partilhar Vito com Rami (Chiziane, 2008: 289). Além de solidário, o gesto é subversivo, uma vez que transfere a poligamia, apanágio do poder masculino, para a esfera feminina, reduzindo a condição masculina à de objeto partilhável em função do desejo feminino. Tal como não deixa de ser subversiva a deliberada estratégia, e levada a efeito com bastante insistência, de pulverizar explicitamente a suposta superioridade masculina concentrada em Tony,<sup>7</sup> e não apenas.

==

<sup>7</sup> A certo ponto da narrativa é-nos dele dito, lapidadamente, o seguinte: «Parece um monumento de impotência» (231). Não estamos propriamente em presença de um herói irresistível e muito macho. Ademais de polígamo encoberto, Tony, a beneficiar da proteção concedida pelo seu relevante estatuto profissional (chefe de polícia), exhibe, em perfeita distonia com o seu cargo, a prevalência de uma personalidade inconsequente (ou não fosse polígamo clandestino), infantil (159, 229, 272), que o faz suspirar pela mãe (329); é frágil (271) e carece de coragem em momentos decisivos (111), subsume o *stress* no álcool (145); e, como se não bastasse, além de sexista, é, para cúmulo dos cúmulos, racista, justificando, de resto, dessa maneira mais uma infidelidade (140), e, ao que consta, dado a brutalidades inqualificáveis (31, 88). Tony, refira-se, não é caso único, que é como quem diz: os seus vícios, a sua imaturidade e a sua inconsistência ético-moral não se confinam a meras

Para fazer, contudo, triunfar a emancipação feminina, não basta rir-se dela ou, então, diagnosticar e desmistificar a dominação masculina e os seus alcances. Torna-se ainda forçoso prognosticar o seu fim. Chiziane fá-lo de um modo particularmente enfático ao filiar a poligamia e os seus agentes num registo de primeira relevância numa cultura tradicional como a africana – o registo da morte.

Destina-se o recurso à semântica da morte a um propósito notório: sugerir o inexorável declínio da poligamia, «ficção» ideológica e cultural destinada a sustentar a supremacia masculina. Trata-se, como é bom de perceber, de fazer ecoar a mensagem de a poligamia e os correlatos abusos masculinos sobre a mulher se acharem moribundos, como se se tratassem de presenças anacrônicas sem resgate possível. Mensagem tão mais necessária sabendo-se que o triunfo da emancipação feminina sobre a opressão patriarcal é a única

==

patologias privadas. Os restantes protagonistas não parecem destoar muito do chefe de polícia (pense-se no amante de Lu) (88). Razão pela qual se possa talvez lê-lo, mesmo sendo cada caso um caso, como representativo de todos eles. Em sentido oposto, claro, acham-se as «mulheres». Todas com personalidades distintas, porém, convergentes, como se tal consistisse numa inerência de género, na ostentação de muito apreciáveis qualidades (118, 122). Percebe-se o alcance desta discrepância, através da qual a autora se compraz em reformular os traços fixos pelos quais se define o papel de cada género num contexto tradicional (o de uma cosmogonia pré-moderna) e regido por uma forte hierarquia patriarcal. É um modo de dar a ver de forma notória a contradição pela qual o homem, apesar das suas evidentes falhas, exerce, não obstante os óbvios merecimentos destas, muito injustificadamente, poder sobre as mulheres.

forma de a mulher sobreviver a uma morte, simbolicamente falando, certa:

[...] na alma das mulheres só existe morte, murmúrio de folhas caindo, gorjeio de rios invisíveis percorrendo o subterrâneo, detritos flutuando à deriva em águas lodosas. [...]. Como força, fomos aniquiladas pela fraqueza das outras mulheres. Ninguém nos perguntou o que sentíamos, o que comíamos, como vivíamos. Atiraram-nos da falésia, caímos em queda livre, esborrachamo-nos. Com fel e vômitos amortalharam os nossos corpos. Mas dentro de nós há corações palpitando na neve tropical, que cai em flocos de um congelador alimentado com placas de energia solar. (158)

Deixando por explorar a totalidade desse território que é o das ocorrências da semântica da morte no romance, fiquemo-nos por aquelas, estabilizadas e coerentes, que dão conta da poligamia como coisa fúnebre e a caminho do fim. Como, por exemplo, esta referência à morte, saída da boca de Rami e destinada a traduzir os seus efeitos nefastos na esposa solitária e carente: «Anoitece, meu Deus, eu tenho pavor de uma cama fria. Encosto a cabeça no travesseiro e conto o número de vezes que morri» (15).

Mas não é somente em Rami que se sente a sugestão de morte, é sobretudo em Tony e nos defensores da poligamia que essa sugestão surge enfatizada. Senão, vejamos. Na casa de uma rival, Rami descobre, não sem alguma estupefação, o retrato do marido. E isto por este

ter sempre proibido semelhante coisa em casa de Rami: o retrato na parede evocaria a morte (23). Mais do que significar a incongruência de um marido adúltero a permitir à amante, como acontece por vezes, o que não autorizava à esposa legítima, trata-se, em toda a extensão da sua simbologia, de associar o marido polígamo à sua representação enquanto marido defunto. Não um marido defunto aos olhos da esposa traída, antes um marido defunto por enveredar pela prática da poligamia. A representação do marido-defunto ocorre na casa da amante, ou seja, num dos lugares da poligamia. Aliás, poucas linhas depois, o leitor acede à consciência de Rami e aí parece encontrar a validação desta opção de sentido: «Na imagem desta mulher [a rival] a morte do meu amor» (23).<sup>8</sup> E, a partir deste momento, Tony<sup>9</sup> passa a estar insistentemente associado à morte.

No início do capítulo seguinte, Rami perspectiva-o justamente dessa maneira: «Para mim ele não tem alma nem sopro, não dialoga, não suspira nem sopra. Quando o desperto para dialogarmos ele abre um olho, lança um grunhido, vira-se para o outro lado e ronca. Parece um cadáver na minha cama» (30). Noutra passagem textual, na qual Rami manifesta a

---

<sup>8</sup> Em sentido análogo, perto do final do romance, ler-se-á esta profecia da narradora: «Ah, meu Tony. Para as mulheres vives, pelas mulheres, morrerás» (263).

<sup>9</sup> E outros homens; por exemplo, Rami suspeita, no início do capítulo 15, que a sogra pudesse ter «sonhado com o marido morto» (113).



dor provocada pela ausência do marido, é inegável a correlação da poligamia com a morte: «Saudades de um corpo presente cuja alma partiu para outros universos» (65). Esses universos, como é bom de ver, são os da entrega amorosa nos braços das amantes mais jovens, restando para Rami o magro consolo de um corpo inerte, porque devorado por um desejo repartido por tantas outras mulheres.

Desta forma, se a mulher desprovida de homem, à luz das convenções tradicionais, é vista como «um cadáver em movimento» (164), a verdade é que uma mulher com um homem em relação com diversas outras, como é o caso de Rami, ressentida a presença do marido como espectral: «O meu marido não é um defunto, mas tornou-se um espectro que se olha à distância num filme erótico. Uma sombra que vai, uma sombra que vem, que se imagina, que se sonha, que não se apalpa» (163). Ou, se se quiser, um marido a converter a esposa em «viúva imaginária» (163).

Se a morte surge tão insistentemente colada a Tony, deve-se isso, como já se percebeu, à expressa vontade de inscrever a poligamia sob o signo da morte – ou seja: de lhe prognosticar um fim à vista. Torna-se isso perfeitamente visível numa passagem como esta, relativa às incondicionais partidárias do costume poligâmico, certamente receosas de o fim da poligamia engendrar o início da abolição de todas as tradições e poder significar uma canibalização do passado: «Aquelas

velhas damas têm rouxinóis nas gargantas e chilreiam as *vozes mórbidas* das cativas» (126).

Também o pai de Rami, esse idoso a quem a filha solicita ajuda, e junto do qual só vem a encontrar, afinal, censura, emerge envolto numa imagem fúnebre. A sua voz é «áspera e corrosiva como veneno espalhado ao vento»; e mais: o ancião, a significar com isso a decrepitude de um patriarcal sistema de valores opressivos, apresenta uns «olhos mortiços» (98), eles próprios elementos mortuários de um todo quase tumular. Diz Rami:

Olho-o e vejo nos seus ombros o peso da vida. Vive de olhos fechados como se não mais quisesse olhar para o mundo. Dentro daquela alma deve estar muito escuro. Dentro do coração deve haver muitas feridas. Cicatrizes. Cancros. Deve haver deceções e frustrações do tamanho do mundo. Deve haver uma paixão ardente pela morte que não vem. (98)

Convirá sublinhar que a associação da morte à poligamia, como se de um único sintagma se tratasse, atinge, ao que cremos, o seu ponto culminante em três momentos assaz emblemáticos, que passamos, muito rapidamente, a recensear. Um deles tem a ver com a vingança sofrida por Tony. Para lhe darem uma lição memorável, todas as suas mulheres, lideradas por Rami, juntam-se e, nuas, rodeiam-no, cercando-o. Desfazem, assim, a lógica de funcionamento da poligamia clandestina assente em encontros fortuitos, isto é, numa descontinuidade na cadeia temporal, e encaram-na,

a desfavor do homem, como um momento simultâneo. Trata-se, com efeito, de evidenciar a incapacidade física de o homem se desdobrar, em simultâneo, sexualmente por tantas mulheres, ridicularizando-se, desta forma, o seu âmago profundo – o da masculinidade enquanto performance sexual inesgotável. Em premeditada concomitância, irrompem, o que lhes permite exibir a superioridade consagrada pela sua insaciabilidade, face à qual o homem reage com terror. Ameaçado na sua identidade masculina, Tony, incapaz de suprir o desejo feminino sob esta forma plural, fica apavorado e escapula-se. Salta à vista o desfalecimento do seu vigor sexual, ele que, pelo menos a avaliar pelo número de amantes, suporíamos tão performativo nesse campo. O mesmo sucederá, mais tarde, com Eva, a sétima mulher, oportunidade para Tony, finalmente, refletir com alguma consistência sobre a condição da mulher.

Mas o interessante aqui é, seguramente, a descrição da cena, ei-la:

À volta de Tony, cinco corpos cobertos com lençóis brancos, como cadáveres na morgue. Move o braço para virar à esquerda. Esbarra com uma muralha humana, não há espaço para movimentar o corpo. Pede licença respeitosamente, levanta-se de rosto coberto de lágrimas. A valentia foi-se. (144)

Foi-se a valentia e fica a impressão de a poligamia do chefe de polícia ter entrado decididamente numa fase pós-física. Noutros termos, numa fase em que a virilidade, se alguma vez existiu verdadeiramente, se esfumou em prol de fantasmas, ressaltando uma vontade nítida de escapar a um cenário asfixiante. O qual se fará, logo a seguir, acompanhar por um sintomático instante de delírio com o seu quê de cómico, para não enveredarmos agora por uma leitura psicanalítica<sup>10</sup>: «Será que a minha mãe vai morrer?» (144), pergunta aflitivamente Tony. Confrontado, em suma, de frente com a poligamia em toda a sua extensão e já não como convivência doméstica repartida, o eterno conquistador, sucumbe e revela a mais expressiva das impotências.

O segundo momento explora, em regime algo paródico, a ironia e o sarcasmo, dando igualmente a ver uma outra forma de subjugação da mulher: a ditada pelas práticas ancestrais. Desaparecido com mais uma conquista (Gaby), com quem foi disfrutar um fim de semana romântico a Paris, sem avisar quem quer que fosse, Tony, por uma infeliz concorrência de circunstâncias, é dado como morto. Procede-se, então, em conformidade com a tradição. Neste ponto da narrativa, o leitor dispõe de mais um assinalável recorte etnológico, que lhe oferece a descrição do modo como em África uma

==

<sup>10</sup> Leitura psicanalítica cujo mote se acha na compaginação da imagem da morte com a da vida mediante evocação materna.

viúva é, ou pode ser, objeto de mortificação em nome dos costumes, padecendo de uma morte simbólica:

Entram no meu quarto e desmontam os móveis para abrir espaço e cobrem toda a mobília com lençóis brancos. Arrastam-me para um canto, raparam-me o cabelo à navalhada e vestiram-me de preto. Acabava de perder poderes sobre o meu corpo e sobre a minha casa. (198)

O que aqui temos é a certeza de o desaparecimento do marido opressor não significar a morte da opressão, ressurgindo esta sob a forma de morte simbólica da viúva. Tudo isto se inscreve num quadro etnográfico em que o luto africano, como sublinha um grande especialista na matéria – Louis-Vincent Thomas – em obra de referência – *La mort africaine: Idéologie funéraire en Afrique noire* –, desencadeia representações e rituais pelos quais a morte contamina familiares próximos da vítima e, em graus de ênfase variáveis, toda a comunidade:

[...] la mort d'un sujet contamine ses proches; les deuilés, tout particulièrement la veuve ou le veuf, sont morts symboliquement pendant toute la durée du deuil; à des degrés moindres, la mort touche également l'ensemble de la parenté et de l'alliance, la classe d'âge et tout le village qui, dans les cas typiques, se mobilisent pour célébrer les funérailles. (11)

Ora bem, o cómico da situação está em que, no fim de contas, Tony acaba por ocupar o lugar para o qual foi tão predestinado ao longo da narrativa – o lugar do morto. Revestindo-se essa ocupação de uma notória e tremenda ironia, pois que um dos rituais engendrados pela viuvez é o chamado *Kutchinga*: a viúva, em conformidade com os preceitos da tradição, é possuída pelo irmão do defunto. Ocasão perfeita para Rami se vingar do infiel marido. A oportunidade não é desperdiçada pela esposa traída. Supostamente falecido, mas na verdade vivo, o marido, muito ironicamente, recebe de volta, ainda por cima com a ratificação da comunidade, as infidelidades cometidas – *c'est l'arroseur arrosé*. Ao saber disto tudo, Tony «fica hirto, seco, como um homem morto. Nem um movimento, nem gestos, nem palavras» (Chiziane, 2008: 227). Nesta cristalização, a morte simbólica da personagem atingiu o seu ponto mais elevado: é um morto-vivo.

O terceiro momento emblemático é aquele, observado por Rami, de um casal idoso num hospital: um homem numa maca e a mulher, com toda a boa-fé do mundo, a prestar informações ao médico, procurando socorrer o melhor possível o marido. A reação do marido, estapafúrdia, não se faz esperar e reflete, muito literal e cruelmente, a prepotência masculina, suscetível de reduzir o género feminino a pouco menos do que nada. Ruge ele furiosamente: «Cala-te, mulher. Desde quando tens categoria para falar com um doutor? Nunca te

autorizei a falar com homem nenhum. Estás a comportar-te como uma prostituta» (61). É então que a mulher, cedendo à exaustão de quem tudo aguentou em silêncio durante os longos anos de uma vida penosa, revolta-se, deitando para fora «raivas sepultadas», e, numa atitude de irreduzível emancipação, larga o marido, cujo corpo «cai como fruta podre» (62). Por fim, ainda grita para o médico a justificação do abandono: «Velho rabugento! Suportei-lhe a vida inteira. Se não quer que eu fale, então que morra!» (62). Este episódio será recordado por Rami perto do final da narrativa, acrescentando precisões quanto à caracterização da sofrida mulher, numa altura em que o próprio Tony, atualizando a finitude do velho prepotente, se achará «colocado numa maca como um cadáver» (283):

Num clarão recordo-me de uma velha senhora empurrando na maca o marido moribundo. Descalça, de calcanhares gretados, porque durante a vida inteira a terra lhe espancou a planta dos pés com pancadas de martelo. Era uma velha andrajosa. Sem sorrisos nem contornos. Árvore de fruta azeda. Uma velha que parecia conhecer todos os segredos da travessia no deserto. Que bebeu todos os paladares amargos do universo e sobreviveu a todos os venenos. De alma roubada, parecia um fantasma errando nos horizontes do mundo. Essa velha senhora abandonou o marido também velho aqui, neste mesmo gabinete, diante deste mesmo médico. (285)

A relevância deste episódio reside na sua exemplaridade. A idosa insurge-se contra o regime de subserviência a que a prepotência masculina a votou no decorrer de uma existência martirizada. Sendo o seu grito de revolta um, por assim dizer, *requiem* para toda uma cultura em transição para a modernidade. Deste modo, ela que vivia como um cadáver («de alma roubada, parecia um fantasma errando nos horizontes do mundo») liberta-se de uma condição de que não guardará saudades. Quanto ao tirano do marido, representativo dos abusos do poder masculino, não passa já de um pré-cadáver, forçado doravante à amargura da solidão. A significação do episódio é óbvia: o autoritarismo masculino e, por extensão, a poligamia em vias de extinção.

Porque se assim não for, a subalternidade da mulher africana persistirá. Uma subalternidade, não raramente, corporificada por sujeições dramáticas. Não é ocioso, a favor de um intuito demonstrativo disso mesmo, recordar, para terminar, o impressionante resumo que Lu faz da sua desafortunada existência, bem significativo da vergonhosa exploração da condição feminina. Mas ainda porque, bem vistas as coisas, transcrever este excerto, sabendo-se que Lu soube trocar as voltas ao destino, emancipando-se, é um modo de finalizar em tom esperançoso, vale dizer, em consonância com o romance:

Em pequena fui violada por soldados na mata.  
Não concebi, graças a Deus. Uns anos depois,

a minha mãe entregou-me como esposa a um velho da zona, em troca de uma manta de algodão para cobrir os meus irmãos, na altura havia muito frio. O velho era bom, era para mim o pai que nunca tive. Mas as suas esposas velhas me maltratavam, e punham sobre os meus ombros todo o trabalho pesado: buscar água no rio, para uma família de dezassete pessoas, pilar o milho, procurar lenha nas savanas, produzir carvão. Fugi do velho, andei pelas matas, comi frutos do campo e fui dar à cidade da beira. Vendi sexo nas esquinas aos catorze anos. Esbarrei com maus tratos da sociedade, dos clientes, dos polícias que me meteram na cadeia vezes sem conta. Vim até à capital na boleia de um camião. Encontrei o Tony numa esquina da cidade. Fizemos um filho e outro filho. Ah, Rami, sou uma planta silvestre educada pelo vento e pelas quatro estações. (255-256)

Loforte, A. (2000). *Género e poder entre os Tsonga de Moçambique*. Maputo. Promédia;

Ribeiro, M.C. (2007). Nas malhas do império: História, literatura, mulheres e exclusão. *Via Atlântica*. **12**: 13-32;

Thomas, L.-V. (1982). *La mort africaine: Idéologie funéraire en Afrique noire*. Payot. Paris.

## Bibliografia

Boutchich, S. (2016). *A imagem da mulher e a construção da identidade feminina na narrativa de Paulina Chiziane: Balada de amor ao vento e Niketche: Uma história da poligamia*. Tese de Mestrado em Estudos Românicos (Estudos Brasileiros e Africanos). Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. 151 pp.;

Casimiro, I. (1999). Frauen in Mosambik. *Der Mosambik Rundbrief*. **38**(2): 12-15;

Casimiro, I. (2004). *Paz na Terra e guerra em casa: Feminismo e organizações em Moçambique*. Maputo. Promédia;

Chabal, P. (1994). *Vozes africanas. Literatura e nacionalidade*. Vega. Lisboa;

Chiziane, P. (2008). *Niketche. Uma história de poligamia*. (4.<sup>a</sup> ed.), Caminho. Lisboa;

Diogo, R.E.G. (2010). Paulina Chiziane: As diversas possibilidades de falar sobre o feminino. *Scripta*. **27**: 173-182;